



Temas Abordados: Iniciativa Mundial “Construindo Cidades Resilientes, Plataforma Global para a Redução do Risco de Desastres – Marco de Sendai e a sua integração com Objetivos do Desenvolvimento Sustentável, Acordo de Paris, Habitat III e a Cúpula Humanitária para a resiliência a desastres.

PUBLICAÇÃO: 09/04/2021



Journal of Humanitarian Logistics
and Supply Chain Management
© Emerald Publishing Limited
2042-6747
DOI 10.1108/JHLSCM-09-2020-0078

Gerenciando sistemas funerários na pandemia: lições aprendidas e uma aplicação de uma simulação de cenário na cidade de São Paulo, Brasil

Este estudo, um artigo de fórum de prática, tem como objetivo apresentar as lições aprendidas e o desenvolvimento de um modelo de simulação de eventos discretos para apoiar a **gestão do sistema funerário da cidade de São Paulo**, Brasil, durante a pandemia COVID-19.

Um modelo de simulação de eventos discretos foi desenvolvido pelos autores assim que a pandemia afetou a cidade de São Paulo, Brasil. Com base no modelo, vários cenários com demandas mínimas, medianas e de pico variáveis (ou seja, o número de mortes) foram testados e avaliados. As lições aprendidas com a análise de cenário e implementação da tomada de decisão da Prefeitura de São Paulo são discutidas neste artigo.

FONTE: [file:///C:/Users/sidne/Downloads/10-1108_JHLSCM-09-2020-0078%20\(1\).pdf](file:///C:/Users/sidne/Downloads/10-1108_JHLSCM-09-2020-0078%20(1).pdf)

FONTE: <https://www.emerald.com/insight/publication/issn/2042-6747>



Nações Unidas dizem que esporte tem papel importante na recuperação da pandemia

À medida que as vacinas espalham esperança e os espectadores começam a retornar às arenas, o mundo do esporte tem contribuições cruciais a fazer para criar uma recuperação segura e sustentável.

Essa é a mensagem do secretário-geral da ONU, António Guterres, no Dia Internacional do Esporte para Desenvolvimento e Paz, marcado este 6 de abril.

Desafios

O chefe da ONU lembra que a pandemia trouxe novos desafios ao mundo dos esportes. Trabalhadores, torcedores e atletas sentiram a dor da ausência, da perda de receita e dos sonhos adiados.

Guterres afirma, no entanto, que “muitas competições e ligas encontraram novas maneiras de criar oportunidades de comunidade e alegria, apesar da crise.”

Depois da pandemia, a ONU espera continuar trabalhando com desportistas e organizações em todo o mundo para promover a ação climática, a paz, os direitos humanos e o desenvolvimento sustentável.

O secretário-geral afirma que o mundo vai torcer novamente, quando todos estiverem protegidos da pandemia.

Exemplo

Segundo Guterres, “o esporte é uma das grandes buscas humanas, um modelo de trabalho em equipe, uma plataforma de excelência individual, um motor de crescimento econômico para toda a sociedade.”

Há muito tempo que a ONU atua de várias maneiras com atletas e federações e associações esportivas. Guterres diz que o objetivo é “usar este poder para construir pontes de amizade e coexistência, para promover estilos de vida saudáveis e para avançar nosso trabalho para alcançar um desenvolvimento sustentável e inclusivo e até 2030 Agenda.”

Lembre esta matéria sobre uma iniciativa da ONU que usa o futebol para ajudar crianças migrantes e refugiadas no Peru .

O secretário-geral destaca outras responsabilidades do mundo esportivo, como redução da pegada ambiental, respeito dos padrões internacionais de trabalho e combate à discriminação e o preconceito de todos os tipos.

Guterres diz ainda que o setor deve rejeitar a corrupção e garantir que grandes eventos globais, como a Copa do Mundo e os Jogos Olímpicos e Paralímpicos, que reúnem o mundo todo, têm um legado positivo.

Com o Comitê Olímpico Internacional e o Comitê Organizador dos Jogos Olímpicos e Paralímpicos de Tóquio, que devem acontecer esse ano, a ONU pretende aumentar a conscientização global sobre os Objetivos de Desenvolvimento Sustentável, ODSs.

Direito

O direito de acesso e participação em esportes é reconhecido em várias convenções internacionais.

Em 1978, a Organização das Nações Unidas para a Educação, Ciência e Cultura, Unesco, descreveu esta atividade como um "direito fundamental para todos".

Segundo a ONU, no entanto, "o direito de brincar e de praticar esportes tem sido frequentemente ignorado ou desrespeitado."

Nos anos 2000, o esporte também fazia parte dos Objetivos do Desenvolvimento do Milênio. Na Agenda 2030, a Assembleia Geral reconheceu a atividade como "um importante facilitador do desenvolvimento sustentável", destacando a promoção da tolerância e respeito, além das contribuições para o empoderamento das mulheres e dos jovens, indivíduos e comunidades.

FONTE: <https://news.un.org/pt/story/2021/04/1746692>



Laboratórios da África, América Latina e Caribe avaliam o progresso em direção à designação OPCW

HAIA, Holanda - 9 de abril de 2021 - Um workshop da Organização para a Proibição de Armas Químicas (OPAQ) revisou ontem o progresso e concordou sobre as próximas etapas para laboratórios dos Estados Membros na África, América Latina e Caribe (GRULAC) para alcançar o Laboratório Designado da OPAQ status.

O workshop faz parte do projeto lançado em 2019 e financiado com a contribuição voluntária do Reino Unido da Grã-Bretanha e Irlanda do Norte. O Gerente de Programa e Política da Embaixada Britânica em Haia, Sr. Robin Mendham, afirmou: "O Reino Unido tem o prazer de apoiar o projeto para melhorar as capacidades dos laboratórios nos últimos dois anos e dá as boas-vindas a este workshop online como um meio de discutir o progresso feitos até agora e planos futuros."

O Sr. Sergey Zinoviev, Oficial Sênior de Programa do Ramo de Cooperação Internacional da OPCW, sublinhou: "Apesar dos desafios impostos pela pandemia Covid-19, o projeto melhorou comprovadamente as habilidades analíticas dos laboratórios participantes. As

atividades introduzidas nesta fase, como e-learning e coaching on-line, estão reforçando esse progresso e devem ser mantidas nas fases futuras do projeto.”

O projeto apoia laboratórios de países africanos e membros do GRULAC que desejam passar nos rigorosos testes de proficiência necessários para se tornarem Laboratórios Designados da OPCW. Para aprimorar suas capacidades, os institutos candidatos fazem parceria com Laboratórios Designados de outros Estados Membros para uma série de atividades de treinamento e orientação.

Os participantes do workshop avaliaram suas experiências de 2020-2021, discutiram as necessidades de treinamento adicional e concordaram com o plano de trabalho 2021-2022.

Dezoito químicos analíticos participaram do evento, representando os seguintes oito Estados Membros da OPAQ: **Brasil**, Chile, Finlândia, Alemanha, Quênia, Nigéria, Espanha e Reino Unido da Grã-Bretanha e Irlanda do Norte. O workshop também **contou com a participação de quatro observadores da Autoridade Nacional do Brasil, bem como especialistas da Secretaria Técnica da OPAQ.**

Fundo

O workshop fez parte do projeto 'Avaliação e Melhoria da Capacidade dos Laboratórios Analíticos dos Estados Membros da África e do GRULAC para Alcançar a Designação OPAQ'. Lançada em 2019 e financiada com a contribuição voluntária do Reino Unido da Grã-Bretanha e Irlanda do Norte, a iniciativa identifica laboratórios que desejam obter a designação OPCW e os ajuda a aprimorar suas capacidades analíticas.

África e GRULAC são as duas únicas regiões da OPAQ que atualmente não hospedam Laboratórios Designados.

Os Laboratórios Designados da Organização para a Proibição de Armas Químicas são um pilar do regime de verificação da Organização e sua capacidade de investigar alegações de uso de armas químicas.

Os Laboratórios Designados da OPCW devem ser capazes de realizar análises externas de amostras químicas coletadas por inspetores da OPCW em instalações de produção de produtos químicos, depósitos de armazenamento e outras instalações, ou no local de um suposto uso de armas químicas.

Como órgão de implementação da Convenção de Armas Químicas, a OPAQ, com seus 193 Estados Membros, supervisiona o esforço global para eliminar permanentemente as armas químicas. Desde a entrada em vigor da Convenção em 1997, é o tratado de desarmamento de maior sucesso, eliminando toda uma classe de armas de destruição em massa.

Mais de 98% de todos os estoques declarados de armas químicas foram destruídos sob verificação da OPCW. Por seus extensos esforços na eliminação de armas químicas, a OPAQ recebeu o Prêmio Nobel da Paz de 2013.

FONTE: <https://www.opcw.org/media-centre/news/2021/04/laboratories-africa-latin-america-and-caribbean-review-progress-towards>



Práticas recomendadas para reforçar a segurança e integridade da América

Uso deste documento

O objetivo deste documento é **oferecer recomendações de organizações de pesquisa** (por exemplo, universidades, empresas privadas, institutos de pesquisa independentes) podem tomar para melhor **proteger a segurança e integridade da empresa de pesquisa da América**. Serve como documento complementar à Segurança Nacional Presidential Memorandum 33 (NSPM-33), intitulado “U.S. Pesquisa Apoiada pelo Governo e Política de Segurança Nacional de Desenvolvimento.” NSPM-33 direciona os departamentos e agências federais a agirem para proteger pesquisas financiadas pelo governo federal, inclusive de interferência estrangeira, e incorpora recomendações que o Subcomitê de Segurança de Pesquisa do JCORE desenvolveu em parceria com a equipe do Conselho de Segurança Nacional, trabalhando em todas as agências federais e informada por contribuições de toda Empresa de pesquisa da América, incluindo universidades, empresas, associações e sociedades científicas.

As recomendações para organizações de pesquisa contidas neste relatório foram igualmente informadas por envolvimento extensivo em toda a empresa de pesquisa dos EUA e com parceiros internacionais. Esses recomendações constituem práticas recomendadas que irão fortalecer e proteger a segurança e integridade da empresa de pesquisa da América. Os usuários deste documento são fortemente encorajados a ler NSPM-33 para garantir uma amplitude adequada e profundidade de compreensão das questões complexas associado à segurança e integridade da pesquisa

FONTE: <https://trumpwhitehouse.archives.gov/wp-content/uploads/2021/01/NSTC-Research-Security-Best-Practices-Jan2021.pdf>

nature

O esgotamento da pandemia é galopante na academia

Trabalho remoto, atrasos em pesquisas e obrigações de cuidar de crianças estão afetando os cientistas, causando estresse e ansiedade.

Um ano após o início da pandemia do coronavírus, muitos na força de trabalho científica acadêmica estão experimentando um estado de exaustão crônica conhecido como burnout. Embora não seja uma condição médica e possa ocorrer em qualquer local de trabalho onde haja estresse, o burnout é reconhecido pela Organização Mundial da Saúde como uma síndrome. Seus sintomas são físicos e emocionais e incluem sensações de esgotamento ou exaustão de energia; aumento da distância mental e sentimentos de negatividade ou cinismo em relação ao trabalho; e uma capacidade reduzida de fazer o trabalho.

Em sua essência, o burnout é causado por um trabalho que exige um esforço físico, cognitivo ou emocional contínuo e de longo prazo.

Os indicadores da síndrome aumentaram acentuadamente em algumas instituições de ensino superior no ano passado, de acordo com pesquisas nos Estados Unidos e na Europa. Em uma pesquisa com 1.122 membros do corpo docente dos EUA que se concentrou nos efeitos da pandemia, quase 70% dos entrevistados disseram que se sentiram estressados em 2020, mais que o dobro do número em 2019 (32%). A pesquisa, conduzida em outubro passado pelo *The Chronicle of Higher Education* e pela empresa de serviços financeiros Fidelity Investments em Boston, Massachusetts, também descobriu que mais de dois terços dos entrevistados se sentiam cansados, em comparação com menos de um terço em 2019. Durante 2020, 35% ficaram com raiva, enquanto apenas 12% disseram isso em 2019. Os resultados foram divulgados no mês passado.

Mais da metade das pessoas entrevistadas disse que estava pensando seriamente em mudar de carreira ou se aposentar mais cedo. **Os efeitos emocionais e outros efeitos do esgotamento relacionado à pandemia foram piores para os membros do corpo docente: 75% das mulheres relataram sentir-se estressadas, em comparação com 59% dos homens.** Em contraste, em 2019, esse número era de 34% para as mulheres entrevistadas. Cerca de oito em cada dez mulheres também indicaram que sua carga de trabalho aumentou como resultado da pandemia, em comparação com sete em cada dez homens. Quase três quartos dos docentes do sexo feminino relataram que seu equilíbrio entre vida profissional e familiar se deteriorou em 2020, em comparação com pouco menos de dois terços dos homens entrevistados.

Uma pesquisa semelhante na Europa oferece um panorama igualmente sombrio, mostrando um aumento drástico nas taxas de estresse e preocupações com a saúde mental na força de trabalho científica acadêmica. Agourentamente, o pedágio da pandemia agora também inclui incerteza desenfreada de carreira.

Enquanto as universidades lutam com as consequências econômicas de fechamentos repetidos, o esgotamento entre os pesquisadores acadêmicos provavelmente continuará por algum tempo em meio a demissões ou congelamento de contratações, dizem

pesquisadores do ensino superior. Não existem soluções rápidas ou fáceis para o burnout, especialmente sem um fim à vista para suas causas estruturais subjacentes; os cientistas acadêmicos muitas vezes são deixados para lidar com o melhor que podem (consulte 'Gerenciando o esgotamento').

GERENCIANDO BURNOUT

Pesquisadores acadêmicos que estão experimentando sintomas de esgotamento em conexão com a pandemia podem tomar algumas medidas para ajudar a se sentirem melhor. Aqui estão algumas sugestões para atenuar o sofrimento.

Não internalize o esgotamento como um fracasso.

Burnout é consequência de um sistema que espera que as pessoas trabalhem muitas horas e sacrifiquem suas vidas pessoais. Esse mesmo sistema costuma enviar a mensagem de que uma semana de trabalho de 40 horas não é suficiente, diz a psicóloga clínica Desiree Dickerson, que trabalha como consultora acadêmica de saúde mental em Valência, Espanha. Muitas vezes, diz Dickerson, os acadêmicos internalizam o burnout como um fracasso. “Isso é impreciso e prejudicial”, diz ela. Além de focar nos pilares da saúde mental - sono, boa nutrição, exercícios, socialização de forma segura - Dickerson incentiva os acadêmicos a encontrarem um fórum por meio do qual possam expressar a dor, a perda, a incerteza, a preocupação e o medo que tantos estão sentindo. “[Academia] é uma ultramaratona, não um sprint. Você tem que se controlar”, diz ela.

Crie maneiras de se livrar do estresse.

A chave para períodos de recuperação eficazes é fazer atividades que lhe dêem uma sensação de distanciamento - ler ficção, cozinhar ou sair para correr, diz Rajvinder Samra, professor sênior de saúde na Open University em Milton Keynes, Reino Unido. “Se você está usando a mídia social para conversar com amigos ou família e traz à tona coisas estressantes, isso não é desapego”, observa ela.

Priorize e normalize conversas sobre saúde mental.

A pandemia tornou as conversas sobre saúde mental a norma. “**Manter nossa saúde mental e dedicar-nos ao autocuidado deve ser uma prioridade de uma forma que não reconhecemos totalmente no passado**”, disse Lisa Jaremka, diretora do Laboratório de Relações Próximas e Saúde da Universidade de Delaware em Newark. “Duas ou três vezes por semestre, converso com os alunos sobre folgas e os incentivo a fazer isso”, diz ela. “Eu compartilhei abertamente que já fui a um terapeuta muitas vezes na minha vida e como utilizar os recursos de saúde mental, se necessário.”

Lute contra o isolamento.

A bioinformática Emma Bell - que se identifica como uma pessoa de uma minoria de gênero, uma pessoa de cor, quer, um imigrante e uma acadêmica de primeira geração -

tem lutado contra o esgotamento relacionado à pandemia durante seu pós-doutorado no Princess Margaret Cancer Centre, em Toronto, Canadá. Quando a pandemia atingiu o Canadá em março de 2020, Bell morou em Toronto por apenas um ano e perdeu importantes fontes de apoio, incluindo um clube de bioinformática para mulheres e membros de identidades de gênero marginalizadas que vacilavam em um ambiente digital. Bell marcou uma reunião semanal com outro pós-doutorado do grupo para fornecer estrutura e apoio de colegas e para levantar o ânimo. Mas Bell diz que eles lidaram melhor com o estresse e a incerteza comprando um novo filhote. “Fiz questão de ter animais em meu apartamento para lutar contra o isolamento”, diz Bell.

Campo minado de meio de carreira

Uma pesquisa europeia de autores de periódicos e livros acadêmicos pela De Gruyter, uma editora acadêmica de Berlim, descobriu que pesquisadores em meio de carreira, principalmente mulheres, foram os mais afetados pelo estresse relacionado ao trabalho. De acordo com seu relatório de dezembro de 2020, *Locked Down, Burned Out*: “Para muitos acadêmicos, a pandemia foi, e continua sendo, uma época de grande estresse, insegurança e pressão”.

Os pesquisadores estão cada vez mais ocupados à medida que a pandemia continua, diz Deirdre Watchorn, gerente sênior da equipe de análises e percepções de De Gruyter. A editora conduziu duas pesquisas: uma em maio passado, envolvendo 3.214 entrevistados de 103 países, e outra em outubro passado, na qual 1.100 pessoas responderam de 78 países. “Uma das maiores mudanças foi quantas horas as pessoas trabalhavam diariamente”, diz Watchorn: as horas da maioria das pessoas aumentaram, em grande parte devido à transição global para o aprendizado digital. A necessidade de acadêmicos ministrarem ensino online pode quase triplicar o tempo de preparação para uma palestra de uma hora, diz Liz Morrish, que pesquisa políticas de ensino superior como bolsista visitante na York St John University em York, Reino Unido. Isso deixa menos tempo para pesquisa.

Além das demandas de ensino online, diz Watchorn, os respondentes da pesquisa identificaram dois outros impedimentos para conduzir pesquisas acadêmicas como normais: redes profissionais interrompidas e trabalhar em casa, muitas vezes enquanto cuidam de crianças. Os pesquisadores acadêmicos sentem que suas carreiras estão suspensas e as colaborações de longo prazo estão sofrendo como resultado das interrupções da rede e da incapacidade de trabalhar juntos pessoalmente. “Vimos o uso relatado do Twitter aumentar como resultado da pandemia e de pessoas tentando encontrar colaboradores”, diz Watchorn.

Efeito de empilhamento

Thomas Kannampallil, que estuda a tomada de decisões clínicas na Escola de Medicina da Universidade de Washington em St Louis, Missouri, conduziu três pesquisas com médicos

estagiários em meados de 2020 para determinar se o esgotamento foi agravado pela exposição a pessoas que foram hospitalizadas com COVID- 19 Na primeira pesquisa, envolvendo 393 estagiários que trabalhavam em dois hospitais dos EUA em abril do ano passado, ele e seus colegas descobriram que aqueles que estavam envolvidos nas respostas médicas de linha de frente à pandemia experimentaram mais estresse e esgotamento do que aqueles que não cuidavam de pessoas com COVID-19 ([T. Kannampallil et al. PLoS ONE 15 , e0237301; 2020](#)).

Kannampallil diz que maiores estressores relacionados ao trabalho afetam a habilidade de dissociar do trabalho, resultando em uma menor probabilidade de se envolver em atividades como exercícios, sono e autocuidado que ajudam na recuperação. A carga de trabalho mais pesada, junto com menos capacidade de recuperação, produz um ciclo vicioso, diz Kannampallil. “Você está emocionalmente exausto, mas desconectado, o que cria uma incapacidade de se recuperar e leva a um 'efeito de empilhamento’”, diz ele.

Um problema inerente

Mesmo antes da pandemia, muitos pesquisadores na academia lutavam com problemas de saúde mental . Desiree Dickerson, uma consultora acadêmica de saúde mental em Valência, Espanha, diz que o burnout é um problema inerente ao sistema acadêmico: por causa de quão estreitamente ele define a excelência, e como ele categoriza e recompensa o sucesso. “Precisamos recompensar e valorizar as coisas certas”, diz ela.

Lisa Jaremka, diretora do Laboratório de Relações Próximas e Saúde da Universidade de Delaware em Newark, diz que as pressões que levam ao esgotamento são institucionais e que as estruturas acadêmicas devem mudar. Os que estão no poder, incluindo administradores universitários, membros de comitês de contratação e presidentes de departamento, precisam mudar as expectativas e definir novas, diz Jaremka.

No entanto, as evidências de liderança empática no nível institucional são escassas, diz Richard Watermeyer, um pesquisador de ensino superior da Universidade de Bristol, no Reino Unido, que tem conduzido pesquisas para monitorar os impactos da pandemia na academia. O conselho performativo dos empregadores para cuidar de si mesmo ou sair um dia da semana sem reuniões para pôr em dia o trabalho é muito superficial, diz ele. Tal conselho não reduz a alocação de trabalho, ele destaca

A pandemia exacerbou as desigualdades existentes na academia, diz Mangala Srinivas, uma cientista de imagem clínica que está deixando a cadeira da Young Academy of Europe, um grupo de defesa e networking de jovens cientistas e acadêmicos. Dickerson espera um aumento desproporcional no desgaste de pesquisadores acadêmicos de grupos marginalizados - entre eles, mulheres, estudantes internacionais, cuidadores e pessoas de minorias sexuais e de gênero (LGBT +) - junto com os aumentos de ansiedade e depressão já vistos nesses cientistas. Rajvinder Samra, professor sênior de saúde na Open University

em Milton Keynes, Reino Unido, recomenda que membros de grupos marginalizados estabeleçam conexões com pessoas que possam ter vulnerabilidades semelhantes.

E embora muitos financiadores tenham concedido prorrogações para ajudar a aliviar as pressões de prazos, geralmente não há dinheiro extra, acrescenta Srinivas. No lado positivo, no entanto, a pandemia trouxe uma maior aceitação institucional de horários de trabalho flexíveis e proporcionou mais oportunidades para escrever ou passar tempo com a família, diz ela.

Morrish não está otimista quanto à redução das cargas de trabalho em breve. “Todas as universidades estarão sob pressão financeira, o que significa menos professores e mais carga de trabalho”, diz ela. As demissões estão em andamento desde o ano passado em muitas instituições, incluindo relatos de 17.000 cortes de empregos na Austrália, além de demissões nos Estados Unidos, Canadá e Reino Unido.

Para pesquisadores acadêmicos que têm o benefício de representação sindical em suas instituições, Morrish recomenda filiar-se a um sindicato e participar de reuniões. Para outros cientistas, diz ela, é importante revisar os contratos. “Fique atento, conheça seu contrato e certifique-se de que a instituição não atrepele você.” Samra aconselha que os cientistas acadêmicos atualizem seus currículos com novos conjuntos de habilidades que tiveram de aprender como consequência das mudanças relacionadas à pandemia. “Reconheça e obtenha crédito pelas habilidades que você está desenvolvendo”, diz ela - isso pode levar a melhores perspectivas de emprego no futuro.

Watermeyer acredita que os pesquisadores em início de carreira, em particular, precisam tomar decisões claras agora sobre suas perspectivas futuras de carreira na academia. “A precariedade”, avisa, “tende a aumentar”.

FONTE: <https://www.nature.com/articles/d41586-021-00663-2>



Para OMS, benefícios da vacina Astra Zeneca superam riscos de trombose

A Organização Mundial da Saúde, OMS, e a Agência Europeia de Medicamentos afirmam que a vacina **AstraZeneca/Oxford contra a Covid-19 traz mais benefícios que riscos para a saúde.**

A declaração ocorre após relatos de que a vacina produziria coágulos sanguíneos e casos de trombose em alguns pacientes.

Embarque

De acordo com a OMS, recentes relatos de suspensão do embarque de doses da vacina, fabricadas na Índia, como parte da parceria Covax, podem afetar países como Nicarágua, Haiti e Costa Rica.

A agência da ONU para a saúde na América Latina e no resto do continente indicou que o recente anúncio da suspensão do embarque de doses da AstraZeneca fabricadas pelo Instituto de Soro da Índia por meio do mecanismo Covax pode afetar a Bolívia, a Nicarágua e Haiti. O parecer de apoio à AstraZeneca permanece firme, apesar das novas descobertas, publicadas na quarta-feira, pela Agência que vinculam a vacinação a casos raros de trombose.

Coagulação

O gerente de Incidentes para Covid-19 da Organização Pan-Americana da Saúde, Sylvain Aldighieri, confirmou a decisão e deu mais detalhes em uma coletiva de imprensa.

Ele explicou que a avaliação da OMS indica que 62 casos raros de distúrbios de coagulação, coagulação intravascular disseminada ou trombose. Há 62 casos de distúrbios em mais de 30 milhões de doses administradas na Europa .

Aldighieri recomendou um monitoramento estrito da segurança de todas as vacinas e a notificação e investigação de todos os eventos adversos.

A Costa Rica recebeu, nesta quarta-feira, 43.200 doses de vacinas AstraZeneca das quase 220 mil planejadas para a primeira remessa, enquanto na República Dominicana mais de 91 mil doses das mais de 2 milhões que o país espera acabar de chegar pela Covax.

Dada à falta de vacinas, o vice-diretor da Organização Pan-Americana da Saúde, Opas, Jarbas Barbosa, destacou que a AstraZeneca conta com dois novos centros na Europa, um na Itália e outro na Espanha, que serão usados para fornecer mais vacinas para a Covax. Ambos aguardam autorização da OMS, que deve sair em breve.

América do Sul

A diretora-geral da Opas, Carissa Etienne, explicou que na semana passada mais de 1,3 milhão de novos casos foram registrados na região, além de 37 mil mortes, mais da metade no continente americano.

Etienne contou que na América do Norte os casos e hospitalizações estão aumentando no Canadá, enquanto as taxas de infecção caem nos Estados Unidos e no México.

Ela destacou que em nenhum lugar as infecções são mais preocupantes do que na América do Sul, onde os casos estão crescendo em quase todos os países. Os casos dobraram na Bolívia e na Colômbia na última semana e os quatro países do Cone Sul viram uma aceleração nos casos de Covid-19. As Unidades de Terapia Intensiva estão se aproximando da capacidade máxima no Peru e no Equador.

Ela acrescentou que, na última semana, Estados Unidos, Brasil e Argentina estiveram entre os 10 países do mundo que registraram o maior número de novas infecções no mundo.

FONTE: <https://news.un.org/pt/story/2021/04/1746962>

STAT

Em casos raros, a vacina Covid-19 da AstraZeneca está ligada a coágulos sanguíneos, dizem os reguladores

A Agência Europeia de Medicamentos concluiu que há uma ligação entre a vacina Covid-19 da **AstraZeneca e eventos de coagulação “muito raros”, mas perigosos**, relatados em vários países onde a vacina foi usada, eventos que em alguns casos foram fatais.

Um comitê de segurança, disse a agência na quarta-feira, concluiu que “coágulos de sangue incomuns com plaquetas baixas devem ser listados como efeitos colaterais muito raros” da vacina.

Os reguladores enfatizaram que os benefícios da vacina, que se **mostrou 76% eficaz na prevenção de infecções por Covid** em um grande estudo nos Estados Unidos, ainda superam seus riscos. “Esta vacina provou ser altamente eficaz na prevenção de doenças graves e hospitalização”, disse Emer Cooke, diretor executivo da EMA. “E está salvando vidas.”

Em um comunicado separado, os reguladores britânicos foram mais cautelosos, dizendo que embora haja evidências crescentes de uma ligação entre os casos raros de coágulos sanguíneos e a vacina, mais investigações são necessárias.

Os anúncios são outro golpe no esforço para criar um produto acessível e fácil de administrar, idealizado como a espinha dorsal da campanha de vacinação em grande parte do mundo. Alguns países europeus que já haviam autorizado a vacina restringiram seu uso a populações mais velhas em um esforço para minimizar o risco de eventos de coagulação; na quarta-feira, os reguladores do Reino Unido disseram que recomendariam que pessoas com menos de 30 anos recebessem outras vacinas. A maioria dos casos de coágulos sanguíneos ocorreram em pessoas com menos de 60 anos.

Distúrbios causados por coágulos sanguíneos, incluindo ataques cardíacos, trombose venosa e derrames, são comuns. Mas os tipos de coágulos que podem estar ligados à vacina AstraZeneca são extremamente raros. Eles foram marcados por baixos níveis de plaquetas - os fragmentos de células sanguíneas que normalmente causam a coagulação.

Os tipos de coágulos vistos incluem trombose do seio venoso cerebral, ou CVST, um tipo de coágulo sanguíneo que ocorre nas veias que drenam o sangue do cérebro, e uma condição semelhante no abdômen, conhecida como trombose da veia esplâncica. Os coágulos às vezes ocorrem em combinação com sangramento. O comitê de segurança analisou 62 casos de trombose do seio venoso cerebral e 24 casos de trombose da veia esplâncica relatados nos bancos de dados de segurança de medicamentos da União Europeia em 22 de março. Dezoito desses casos foram fatais. Os casos vieram dos sistemas de notificação do Espaço Econômico Europeu e do Reino Unido, onde 25 milhões de pessoas receberam a vacina.

A EMA estimou que o efeito colateral raro está sendo relatado em 1 em 100.000 pessoas. A Agência Reguladora de Medicamentos e Produtos de Saúde do Reino Unido, ou MHRA, apresentou um valor ligeiramente inferior de um caso para cada 250.000 vacinações. Ambos os números podem mudar à medida que os dados, bem como as causas potenciais, são estudados.

Desde o início, o desenvolvimento da vacina da AstraZeneca foi afetado por erros de comunicação e outros problemas. Mas a ligação com os raros coágulos sanguíneos pode ter implicações de longo alcance, tanto em termos de uso da vacina quanto na hesitação geral da vacina.

Os primeiros casos de coagulação em pessoas vacinadas foram notificados pela primeira vez no final de fevereiro. Desde então, um número pequeno, mas crescente, de pessoas previamente saudáveis, geralmente mulheres na casa dos 30 e 40 anos, desenvolveram problemas de coagulação incomuns dias após terem sido vacinadas com a vacina AstraZeneca.

Os eventos adversos se assemelham a uma condição conhecida como trombocitopenia induzida por heparina, ou HIT, um fenômeno raro no qual as pessoas que recebem o medicamento anticoagulante heparina na verdade desenvolvem problemas de coagulação amplamente disseminados.

Nos eventos que pareciam relacionados à vacina AstraZeneca, as pessoas desenvolveram um grande número de coágulos e uma baixa contagem de plaquetas - uma combinação incomum. A reação foi apelidada de trombocitopenia imune protrombótica induzida por

vacina por Andreas Greinacher, da Universidade de Greifswald, um especialista alemão em coagulação.

Greinacher, que relatou o fenômeno em um artigo pré - impresso , descreveu a condição como tratável.

“Nós sabemos o que fazer: como diagnosticar e como tratá-lo”, disse ele a repórteres no mês passado, de acordo com a Science .

Muitos países contam com a vacina da AstraZeneca. Só a União Europeia comprou 400 milhões de doses da vacina. Os Estados Unidos compraram 300 milhões de doses da vacina, a maior pré-compra de todas as contratadas pela Operação Warp Speed, projeto de aceleração de vacinas e terapêuticas iniciado durante a administração de Trump.

Se ele será usado aqui permanece uma questão em aberto. Anthony Fauci, diretor do Instituto Nacional de Alergia e Doenças Infecciosas, disse à Reuters na semana passada que os EUA podem não precisar da vacina.

“Meu sentimento geral é que, dadas as relações contratuais que temos com várias empresas, temos vacina suficiente para atender todas as nossas necessidades sem recorrer à AstraZeneca”, disse Fauci, sem se referir ao problema de coagulação agora associado à vacina.

A AstraZeneca ainda não solicitou à Food and Drug Administration a autorização de uso de emergência que seria necessária para implantar a vacina nos Estados Unidos, apesar do fato de que já se passaram quase duas semanas desde que a empresa anunciou os resultados do teste nos EUA.

“No momento, estamos progredindo em nossa submissão de EUA para AZD1222”, disse Michele Meixell, diretora sênior de comunicações externas e executivas, ao STAT na terça-feira. “Não há mais atualizações no momento.”

Os reguladores dizem que estarão observando outras vacinas, que até agora parecem ter taxas mais baixas desses raros distúrbios de coagulação. Em particular, a vacina Johnson & Johnson usa uma tecnologia semelhante à AstraZeneca. Até agora, houve três casos de coágulos sanguíneos associados a plaquetas baixas observados com a vacina J&J, mas Peter Arlett, chefe de farmacovigilância da EMA, disse que esse número é "extremamente pequeno", dados os 4,5 milhões de doses dessa vacina que foram dados em todo o mundo. “Acho que seria justo dizer que existe um monitoramento intensivo das vacinas”, disse Artlett.

Em uma teleconferência separada com repórteres, Adam Finn, um pediatra da Universidade de Bristol, disse que seria importante continuar monitorando todas as vacinas. “Minha esperança fervorosa é que este seja um problema único para uma vacina”, disse Finn, “mas também temo que possa não ser.”
Correção: Uma versão anterior descreveu incorretamente os coágulos vistos com a vacina Johnson & Johnson.

FONTE: https://www.statnews.com/2021/04/07/astrazeneca-covid-19-vaccine-linked-to-blood-clots/?utm_source=Nature+Briefing&utm_campaign=686d1220e7-briefing-dy-20210407&utm_medium=email&utm_term=0_c9dfd39373-686d1220e7-46140994

STAT

Os cientistas trabalham em direção a um sonho indescritível: uma pílula simples para tratar Covid-19

O mundo tem vacinas que podem prevenir a maioria dos casos de Covid-19. Tem até medicamentos que podem ajudar nos sintomas mais graves da doença. Agora o que ele precisa é de um Tamiflu para SARS-CoV-2.

Seria uma pílula, primorosamente calibrada para atingir o SARS-CoV-2, com efeitos colaterais toleráveis e um preço baixo. E funcionaria tão bem quanto aqueles tratamentos com anticorpos que requerem uma infusão intravenosa de uma hora, mas viria em um pacote prático que os pacientes pudessem levar para casa.

“Estamos procurando por algo que eu pudesse dar a todos em um ambiente de atendimento de urgência que chegam com exposição ou um teste positivo”, disse Nathaniel Erdmann, um especialista em doenças infecciosas da Universidade do Alabama no Hospital de Birmingham que trata Covid-19. “Um medicamento fácil, oral e seguro.”

Por mais simples que pareça, o processo de desenvolvimento de novos tratamentos antivirais é extremamente complicado, mesmo fora de uma pandemia. As coisas podem dar desastrosamente errado em incontáveis etapas ao longo do caminho, sejam os medicamentos muito fracos para impedir a propagação viral ou muito desleixados para serem seguros. E o SARS-CoV-2 está evoluindo de forma consistente, o que significa que os cientistas precisam superar a seleção natural para se manter à frente do jogo.

Afinal, o resfriado comum costuma ser causado por um coronavírus. E, como os cientistas brincam com tristeza, depois de bilhões de dólares gastos em pesquisa e desenvolvimento, ainda não há cura para isso.

Mas, no caso da Covid-19, não é por falta de tentativa. Enquanto a busca sem fôlego por uma vacina contra Covid-19 recebia a maior parte da atenção, o National Institutes of Health estava realizando um amplo esforço paralelo para encontrar tratamentos para a própria doença.

Algumas drogas acabaram sendo becos sem saída, como o remédio para malária hidroxicloroquina, e alguns foram sucessos inesperados, como o esteróide dexametasona, que salva vidas. Entre os destaques estava o remdesivir da Gilead Sciences, um antiviral intravenoso que reduziu modestamente o tempo de hospitalização de pacientes com Covid-19. Da mesma forma, os tratamentos com anticorpos da Eli Lilly e Regeneron, que ajudaram a manter os pacientes de alto risco fora do hospital.

Ainda está faltando, entretanto, o que o diretor do NIH, Francis Collins, chamou de seu “sonho”: uma pílula altamente eficaz que pode ser administrada imediatamente após o diagnóstico.

“É um caminho muito longo”, disse Collins em uma entrevista. Primeiro, os cientistas precisam encontrar a vulnerabilidade molecular em um vírus e, em seguida, vem o processo de triagem de centenas de milhares de supostos medicamentos para encontrar os poucos que se prendem a esse alvo. Em seguida, os químicos medicinais começam a trabalhar no aprimoramento de uma molécula Goldilocks que equilibra poder, especificidade e segurança, e se tudo correr bem na placa de Petri, ainda haverá meses de testes em animais antes que um único ser humano possa tomar uma pílula em uma clínica tentativas.

“Mas direi que essa é uma prioridade extremamente alta para Tony Fauci e Francis Collins e para o governo Biden, trabalhar com essas empresas para tentar garantir que aceleremos isso”, disse Collins. “Porque essa pandemia vai nos acompanhar - mesmo com ótimas vacinas - e as pessoas vão ficar doentes.”

Há esperança, mesmo no curto prazo. A qualquer momento, espera-se que a Merck apresente dados essenciais sobre um tratamento oral semelhante ao remdesivir. Por trás disso está um tratamento da Atea Pharmaceuticals, desenvolvido pela primeira vez para o vírus da hepatite C, que pode ter resultados cruciais nos próximos meses. Nenhum dos dois foi desenvolvido especificamente para o vírus que causa o Covid-19, mas especialistas dizem que os tratamentos ainda podem marcar muitos dos requisitos de um antiviral esperado.

Talvez o mais promissor seja um novo antiviral da Pfizer, um medicamento desenvolvido especificamente para o vírus SARS-CoV-2 que entrou em seu primeiro ensaio clínico no mês passado.

Os cientistas estão cruzando os dedos para que cada um demonstre pelo menos um benefício marginal, já que a história da virologia sugere que a melhor aposta para vencer o Covid-19 será um coquetel de tratamentos com efeitos complementares. **Mas, além da crise imediata, os especialistas esperam que a sociedade aprenda duas lições importantes: O desenvolvimento de antivirais é realmente difícil e é ainda mais difícil se você esperar por uma pandemia para começar a investir nele.**

“Precisamos começar a pensar na pesquisa biomédica como infraestrutura essencial”, disse Angela Rasmussen, virologista do Centro de Ciência e Segurança em Saúde Global da Georgetown University. “Isso reforça que a preparação não é apenas sobre o quão preparados estamos para inovar para sair de uma crise. Isso realmente significa investir em medicamentos que podem não ter uma aplicação óbvia quando os estamos desenvolvendo antecipadamente.”

Como fazer um antiviral

O problema fundamental, para os caçadores de drogas, é que os vírus não lutam de maneira justa.

Assim que o SARS-CoV-2 toma conta, ele começa a usar o mecanismo natural do corpo para se replicar. Isso dá uma vantagem ao vírus. Os cientistas podem detectar inúmeras vulnerabilidades em um vírus, mas a maioria delas certamente será compartilhada pelo hospedeiro, tornando-os alvos inseguros para ataques com drogas.

“Se você olhar para o número de antivirais existentes em comparação com o número de antibióticos, há muito menos antivirais”, disse Brianne Barker, professora de biologia da Drew University, especializada na resposta do corpo à infecção viral. “A razão para isso é que os vírus usam nossas células para se reproduzir, então você está procurando uma droga que atinja alguma parte da reprodução viral sem prejudicar nossas células. E isso não é fácil.”

O primeiro passo no processo de desenvolvimento de antivirais é superar esse obstáculo repetidamente, no laboratório, em animais e em voluntários humanos saudáveis.

O próximo desafio está relacionado ao tempo. O momento preciso da infecção viral inicia uma contagem regressiva conforme o vírus gradualmente desperta o sistema imunológico, criando uma janela estreita de tempo após a qual um antiviral provavelmente é inútil.

“Para a maioria das doenças virais, as agudas, a doença é realmente causada pela resposta do hospedeiro a ela”, disse Rasmussen. “Se esse vírus se firmar e desencadear todos esses processos anormais do hospedeiro, o cavalo já está fora do celeiro, por assim dizer.”

Para o SARS-CoV-2, pode levar de alguns dias a duas semanas para os processos imunológicos anormais entrarem em ação. Isso significa que qualquer ensaio clínico para um antiviral requer um design delicado. Os pacientes devem ter infecções confirmadas, mas se já estiverem apresentando sintomas graves de Covid-19, eles podem estar muito adiantados para se beneficiarem.

Depois que um candidato a desenvolvedor de antivirais resolve o problema de tempo, surge o dilema de escolher uma dose. Em circunstâncias normais, a dosagem é uma ciência precisa, estudada em estudos escalonados e escalonados projetados para isolar a quantidade perfeita de medicamento que pode alcançar um benefício com risco mínimo.

No imediatismo da pandemia, os desenvolvedores de drogas compreensivelmente aceleraram parte desse trabalho metódico, fazendo suposições fundamentadas no espírito de emergência. Isso torna cada teste antiviral um ato científico de ponta, disse Craig Rayner, executivo da consultoria de desenvolvimento de medicamentos Certara que trabalhou no Tamiflu. A escolha da dose certa pode determinar não apenas se um teste será bem-sucedido, mas também a fabricação, distribuição e custo final do medicamento em questão.

“Para cada miligrama acima do que é considerado ótimo, você está desperdiçando-o”, disse Rayner. “E para cada miligrama abaixo, você está colocando tudo em risco, porque o vírus tem a chance de ser inteligente e evoluir em torno dele.”

Isso leva ao próximo obstáculo no desenvolvimento de antivirais: mesmo se você tiver sucesso, um medicamento nunca é suficiente. A menos que um determinado antiviral possa bloquear 100% da replicação viral, com o tempo, a evolução começará.

“Em qualquer outro aspecto da indústria farmacêutica, você nunca precisaria ter 100% de eficácia”, disse Barker. “Mas com os antivirais, se você permitir qualquer replicação, o vírus vai sofrer uma mutação em torno da droga.”

A longo prazo, a melhor aposta para controlar a SARS-CoV-2 é a vacinação generalizada apoiada por uma combinação de tratamento antiviral, dizem os especialistas - um coquetel de drogas que tem como alvo múltiplas facetas do vírus para minimizar o risco de mutação.

Mas primeiro, eles precisam daquele Tamiflu.

Os principais contendores

O primeiro medicamento pronto para verificar todas as caixas de um antiviral ideal é o molnupiravir, inventado no Emory Institute for Drug Development e desenvolvido pela Merck and Ridgeback Biotherapeutics. A droga é conhecida como um análogo de

nucleosídeo, projetada para lançar uma chave no processo de replicação viral, enganando o SARS-CoV-2 para corromper seu próprio material genético.

A Merck está inscrevendo cerca de 3.000 pacientes, hospitalizados ou não, em um estudo de Fase 2/3 que determinará se o molnupiravir pode ajudar a eliminar o SARS-CoV-2 do corpo mais rápido do que o placebo e manter os pacientes fora do hospital. Os dados da porção menor da Fase 2 são esperados nas próximas semanas, e os especialistas estão particularmente focados em saber se o medicamento da Merck pode evitar que pacientes com sintomas leves desenvolvam Covid-19 grave.

Por trás do medicamento da Merck está um tratamento da Atea Pharmaceuticals que se baseia no sucesso anterior de antivirais. O medicamento da Atea, AT-527, tem como alvo uma enzima chave para a replicação viral, uma abordagem semelhante aos tratamentos curativos da Gilead Sciences para hepatite C. No final deste ano, Atea espera ter dados da Fase 2 sobre os benefícios do AT-527 para pacientes dentro e fora de o hospital. A empresa também está planejando um estudo maior de Fase 3 em pacientes ambulatoriais.

Os especialistas estão esperançosos de que ambas as drogas possam fazer a diferença. Eles selecionaram alvos que provavelmente minimizarão o risco de efeitos colaterais e criaram estudos que devem determinar se eles funcionam nessa janela principal de pós-diagnóstico. No entanto, alguns expressaram preocupação de que, como nenhum dos tratamentos foi projetado especificamente para SARS-CoV-2, ainda existe um risco substancial de que cada um deles seja insuficiente. Quando se trata de antivirais reaproveitados, “teoricamente, eles deveriam funcionar muito bem”, disse Rasmussen, “mas na realidade muitas vezes não funcionam”.

Um antiviral da Pfizer, agora nos primeiros estágios de testes em humanos, pode resolver esse problema. Cativamente chamado de PF-07321332, o medicamento da Pfizer tem como alvo a enzima principal do SARS-CoV-2, o eixo do processo de replicação do vírus. Essa enzima, chamada 3CL, é uma das duas que são específicas para todos os coronavírus. Isso significa que, se a Pfizer puder encontrar a dose certa e realizar os testes corretos, poderá ter um tratamento não apenas para o SARS-CoV-2, mas também para futuros vírus pandêmicos.

“O que podemos acabar fazendo aqui é curar o resfriado comum”, disse Collins. “Então eu não teria que ouvir mais essas piadas.”

FONTE: <https://www.statnews.com/2021/04/09/scientists-work-toward-an-elusive-dream-a-simple-pill-to-treat-covid-19/>

Opinião: O cobiçado relatório da OMS é fatalmente falho e uma investigação real ainda não foi realizada

Determinar a origem do vírus SARS-CoV-2 não deve ter nada a ver com política. É uma questão forense, que requer investigação completa de todas as teorias possíveis, e que deve abranger tanto o cenário em que o vírus saltou de animais para humanos na natureza quanto um relacionado a erro humano em um laboratório de Wuhan. Mas uma investigação fatalmente falha pela Organização Mundial da Saúde e por autoridades e especialistas chineses apenas turva as águas e coloca a OMS ainda mais em conflito com o governo dos Estados Unidos e o governo Biden.

Um grupo de estudo conjunto, composto por representantes da OMS e 17 especialistas chineses, divulgará seu relatório tão esperado sobre as origens do covid-19 na terça-feira, mas você pode ler tudo aqui agora. Sem surpresa, **o relatório promove a teoria de que o vírus espalhou para os humanos na natureza, talvez de um morcego até um hospedeiro animal intermediário, e descarta a possibilidade de uma origem relacionada a um acidente de laboratório como "extremamente improvável" e, portanto, indigna de um estudo mais aprofundado.**

Claro, já sabíamos disso porque todos os resultados foram visualizados na mídia de propaganda estatal da China há duas semanas pelo principal cientista chinês. O governo chinês recebeu o relatório com antecedência e controlou rigidamente a visita dos investigadores a Wuhan, onde o surto se originou e onde os laboratórios mantêm a maior coleção mundial de coronavírus de morcego. Antes mesmo de o relatório ser publicado, o governo Biden questionou publicamente sua objetividade e credibilidade.

“Nós temos preocupações reais sobre a metodologia eo processo que entrou naquele relatório, incluindo o fato de que o governo de Pequim aparentemente ajudou a escrevê-lo,” o secretário de Estado Antony Blinken disse na CNN.

O relatório de 123 páginas dedica apenas algumas linhas à teoria de que o surto pode estar relacionado a um acidente em um dos laboratórios de Wuhan - uma possibilidade que ele descarta sumariamente. Mas o que o relatório diz e não diz sobre a teoria do acidente de laboratório coloca o governo chinês e a OMS em conflito direto com as alegações feitas pelo governo Trump, e confirmadas pelo governo Biden, sobre atividades suspeitas no Instituto de Virologia de Wuhan (WIV).

Especificamente, a inteligência dos EUA desclassificada, confirmada pelo próprio Departamento de Estado de Blinken, alega que a WIV estava conduzindo pesquisas não divulgadas sobre coronavírus de morcegos, tinha projetos de pesquisa secretos com os militares chineses e não revelou que vários trabalhadores de laboratório adoeceram com sintomas semelhantes aos da cobiça em outono de 2019. O governo Biden não afirma que a teoria do acidente de laboratório está correta, mas pede à China que divulgue mais informações sobre os laboratórios.

O novo relatório da OMS diz que os laboratórios WIV “foram bem administrados, com um programa de monitoramento da saúde da equipe sem relatos de doenças respiratórias

compatíveis com COVID-19 durante as semanas / meses anteriores a dezembro de 2019". Em outras palavras, a OMS está dizendo que a inteligência dos EUA está errada.

O relatório nem mesmo menciona as alegações do governo dos EUA de que o laboratório estava envolvido em pesquisas significativas e relevantes que o governo chinês continua negando realizar. Na semana passada, o chefe de pesquisa do coronavírus em morcego da WIV, Shi Zhengli, disse em um seminário organizado pela Rutgers University que todas as pesquisas do laboratório eram "abertas" e "transparentes". No "60 Minutos" no domingo, o ex-vice-assessor de segurança nacional Matthew Pottinger disse que Shi está mentindo.

"Há um corpo de pesquisa que está sendo conduzido pelos militares chineses em colaboração com o Instituto de Virologia de Wuhan, que não foi reconhecido pelo governo chinês", disse ele. "Nós vimos os dados. Eu vi pessoalmente os dados. "

Peter Daszak, chefe da organização de pesquisa EcoHealth Alliance, é o único americano na equipe de estudo, mas não foi selecionado pelo governo dos Estados Unidos. Na verdade, a OMS rejeitou os três funcionários propostos pelo governo Trump. Daszak trabalhou em estreita colaboração com o WIV por muitos anos na pesquisa do coronavírus em morcego e financiou vários de seus projetos, e ele é acusado de ter um claro conflito de interesses (o que ele nega). Daszak negou que um acidente de laboratório pudesse ser possível antes mesmo do início da investigação, e ele afirmou repetidamente que o laboratório revelou todas as suas pesquisas.

As afirmações do relatório da OMS de que o laboratório WIV era "bem administrado" são desmentidas por dois telegramas dos EUA enviados a Washington em 2018 por diplomatas americanos que fizeram três viagens ao laboratório. Eles relataram que "durante as interações com cientistas no laboratório WIV, eles notaram que o novo laboratório tinha uma séria escassez de técnicos e investigadores devidamente treinados, necessários para operar com segurança este laboratório de alta contenção".

Os diplomatas também alertaram que os laboratórios do WIV vinham fazendo pesquisas arriscadas sobre como os coronavírus de morcegos podem infectar células pulmonares humanas. Essa é a pesquisa exata que Robert Redfield, ex-diretor dos Centros de Controle e Prevenção de Doenças, referiu quando disse em comentários que foram ao ar na sexta-feira que ele acreditava que um acidente de laboratório era a fonte mais provável do surto.

"Normalmente, quando um patógeno passa de zoonótico para humano, leva um tempo para descobrir como se tornar cada vez mais eficiente na transmissão de pessoa para pessoa", disse Redfield a Sanjay Gupta. "Eu só não acho que isso faça sentido biológico." Redfield é um virologista treinado e teve acesso a todas as informações e dados durante o surto; sua análise profissional tem um peso significativo.

O governo chinês e os amigos do laboratório de Wuhan querem descartar quaisquer esforços para pedir mais investigação sobre a teoria do acidente de laboratório como sendo teorias de conspiração. Mas essa conspiração agora teria que incluir o governo Trump, o governo Biden, Redfield e a lista crescente de cientistas que insistem que essa possibilidade seja explorada. Os críticos costumam confundir o fato de que "não há prova" da teoria com a falsa afirmação de que "não há evidência" para sugerir isso.

"Quando as pessoas falam sobre 'nenhuma evidência' [de um acidente de laboratório], você pode argumentar que não há 'nenhuma evidência' em ambos os lados", disse

o professor de medicina da Flinders University, Nikolai Petrovsky, um dos mais de duas dezenas de cientistas que assinaram uma carta aberta pedindo uma investigação completa e independente sobre as origens de covid-19. "Há tanta evidência para a hipótese potencial de vazamento de laboratório quanto há atualmente para um evento natural de cruzamento de animal. Acho que temos que ser justos e dizer que é uma questão completamente aberta. "

A equipe da OMS quer avançar na busca do vírus em embalagens de alimentos congelados em outros países. Deixe-os fazer isso. Enquanto isso, outra pessoa terá que investigar a teoria do acidente de laboratório, porque a OMS e Pequim não têm intenção de tratá-la com a seriedade que ela merece. A administração Biden pode ajudar divulgando todas as **informações que tem sobre o laboratório agora. Isso nos ajudaria a nos aproximar da verdade - e a prevenir futuras pandemias.**

FONTE: <https://www.washingtonpost.com/opinions/2021/03/29/wuhan-covid-lab-accident-investigation-who/>

INFORMAÇÕES

CAMPINAS RESILIENTE - OBSERVATÓRIO

<https://resiliente.campinas.sp.gov.br/observatorio7>

<http://www.cidadesresilientes.net/biblioteca.html>

REDE DE CIDADES RESILIENTES DE LINGUA PORTUGUESA

<http://www.cidadesresilientes.net/>

PREVENTIONWEB

<http://www.preventionweb.net/english/>

SECRETARIA NACIONAL DE PROTEÇÃO E DEFESA CIVIL

<http://www.mi.gov.br/web/guest/cidades-resilientes>